

Bipartida Sinapse

SYNAPSE BIPARTITE

Marcelo Calderari Miguel (UFES)

<http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

I Decomposição Patriótica

Buscou o prazer como quem caça um mito vão,
Julgando-se um messias, num trono de papelão.
Achava que o mundo girava ao seu bel-prazer,
Mas era só um espelho, a sua ruína a tecer.

Incompetente escória, com lábia de coral,
Fez da mentira um decreto, e do povo, um curral.
Desprezou o verde, e a ciência, em desespero, se rendeu,
Seu amarelado veneno, o país inteiro estendeu.

Nunca largou a bravata, qual vício constante,
Onde o povo era gado, e ele, favorável farsante.
Tripudiou da justiça, qual rato em disparada,
Mas a máscara, essa, já era uma farsa desgastada.

O país se afundou, e ele lá, réu, bibelô de pé,
Com inconsequente sorriso, sem alma e sem fé.
Entravou o planalto e as joias, feito de um vilão,
E a nação, lamentável, refém do idiota fanfarrão.

A cada gesto, um meme de escárnio e dor,
A cada decreto, o social esfaqueou, sem pudor.
Entre cardume, cloroquina e motociatas banais,
O povo chorava, enquanto ele se vangloriava, rapaz.

Ah, quem te ouviu, oh, capitão de araque e vão,
Com tua busca pelo golpe, a ruína em profanação.
Tu, que te julgavas mito, sem saber o que é reinar,
Não percebes que a podridão é o teu legado a comboiar.

II Apoteose e Minutas, Punhal Hipocrisia

Busca o gozo, sem pudor ou razão,
Num turbilhão de excessos, sem freio, sem direção.
O “sábio”, em labirinto de ilusão,
É um fiasco ambulante, de alma em desolação.

Julga-se um deus, com aura de grandeza vã,
Veste a capa da moral, mas exala a vilã.
Ser desprezível, sedento por poder e fama,
Na delinquência, seu prazer se inflama.

Exalando arrogância, com língua de serpente,
Vive em teatro de sombras, onde a alma se ausenta.
Se o povo afunda, ele se diz contente,
O espetáculo grotesco, seu feito indecente.

No palácio de mentiras, sua ruína se ostenta,
Comandando multidões, enquanto a verdade se acovarda.
Aplaudido por tolos, em cegueira que atormenta,
Enquanto o povo se perde, em desigualdade que retarda.

Lá do alto, onde a visão se turva em névoa densa,
Esse ser de vaidade ignora a dor que o tempo adensa.
Fingindo-se rei, em trono de falácia e engodo,
Em breve, o povo expõe sua mácula, sem medo.

Entre insuflados risos e luxos, o prazer é seu fardo,
Ignorando a miséria, que afoga o povo felizardo.
Quem governa com ego, sem respeito ou valor,
Verá seu império ruir, no imbrochável clamor.

O prazer é veneno, que corrompe alma e ser,
No fim, o que resta da trama, é o nada a se ter.
Quem se julga Deus, em seus modos arrogantes,
Cairá do pedestal, exposto núcleo e distante.

Que o prazer não seja o estandarte a se erguer,
E que a força do povo o faça tremer, sem reter.
Pois o que não se perde, é razão e dignidade,
E essa, jamais será subvertida na crápula falsidade.

E quando a máscara cair, e o trono se romper,
O eco do silêncio, sua alma há de corroer.
Pois a verdade, como um rio, há de fluir,
E o povo, enfim pontua, a justiça há de sentir.